

Educação formal em ambientes virtuais: uma estratégia eficiente para a sensibilização e formação de educadoras(es) em sexualidade

Resumo

Muitos anos de experiência em formação docente no campo da Educação Sexual e a própria literatura produzida nesta área reforçam a necessidade e os aspectos positivos de sua abordagem nas escolas, desde a Educação Infantil até o Ensino Superior. Embora tenham se ampliado as possibilidades de construção de processos de formação de educadoras(es) para a sexualidade, o estudo e a discussão desta temática continuam marcados por dificuldades não encontradas em abordagens de outros temas consolidados pela academia. A utilização de metodologias diversificadas também se constitui como medida necessária e importante para o alcance de objetivos formativos. Este artigo aborda a importância de Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA) como mediadores de discussões sobre sexualidade, gênero e educação sexual com estudantes de Ciências Biológicas, que cursam a disciplina Sexualidade e Educação na Universidade Federal da Bahia. Destaca, também, o processo de orientação e acompanhamento on line desses estudantes na elaboração de projetos de educação sexual para crianças, adolescentes e adultos.

Palavras-chave: Educação Sexual; Professores; Formação.

**Tereza Cristina Pereira Carvalho
Fagundes**

Universidade Federal da Bahia –
UFBA – BA/Brasil
tcrispcf@ufba.br

Para citar este artigo:

FAGUNDES, Tereza Cristina Pereira Carvalho. Educação formal em ambientes virtuais: uma estratégia eficiente para a sensibilização e formação de educadoras(es) em sexualidade. *Revista Linhas*. Florianópolis, v. 17, n. 34, p. 179-196, maio/ago. 2016.

DOI: 10.5965/1984723817342016179

<http://dx.doi.org/10.5965/1984723817342016179>

Formal education in virtual environments: an effective strategy for sensibility and educators' training on sexuality

Abstract

Many years of experience in teacher training in sexual education's field and own literature produced in this area strengthen the necessity and positive aspects of his approach in schools, from kindergarten through post secondary. Although possibilities of process construction for educators training to sexuality have extended, the study and discussion about this issue are still considered for adversities not found in approaches around other issues consolidated by the academy. Using distinct methodologies is also a necessary and important measure to reach teaching objectives. This article discusses the importance of Virtual Learning Environments (VLE) as mediators of sexuality discussions, gender and sexual education with students of Biological Sciences, who attend Sexuality Education discipline in Universidade Federal da Bahia. It also highlights the on line guidance and monitoring process of these students in the development of sexual education projects for children, teenagers and adults.

Keywords: Sexual Education; Teachers; Formation.

Introdução

Educar para a sexualidade já é uma realidade em muitas escolas do Brasil e do mundo, embora as abordagens utilizadas possam diferir em diferentes contextos. Vale destacar que as manifestações da sexualidade, componente próprio de todas as pessoas, se dão independente de qualquer ensinamento.

A experiência e a literatura nos mostram que, começando com a família, é necessário e positivo educar para a sexualidade nas escolas, desde a Educação Infantil até o Ensino Superior. Constatamos, também que se nos últimos anos ampliaram-se as abordagens e os processos de formação de educadoras(es) nesta área, o estudo e a discussão de temas sobre a sexualidade humana nas escolas continuam não fluindo no cotidiano, como outros amplamente aceitos e referendados pela sociedade.

Metodologias diversificadas vêm sendo empregadas para reverter este quadro de ações insuficientes e/ou ineficazes. Dentre elas se situa a mediação *on line*, possível com o avanço das tecnologias da informação e comunicação.

A experiência que tivemos em utilizar AVA (Ambientes Virtuais de Aprendizagem) como mediadores de discussões sobre sexualidade, gênero e educação sexual com estudantes de Ciências Biológicas, que cursam a disciplina Sexualidade e Educação, na Universidade Federal da Bahia, nos conduziu a escrever este artigo, evidenciando o processo de orientação e acompanhamento virtual da elaboração de projetos e programas de educação sexual para crianças, adolescentes e adultos pelas(os) educadoras(es) em formação.

A disciplina Sexualidade e Educação

A implementação deste componente curricular em cursos de graduação na Universidade Federal da Bahia teve início em 1994, integrando o Programa de Educação Sexual (PROEDSEX), do Instituto de Biologia, grupo consolidado do Diretório de Pesquisa do CNPQ à época, sob nossa coordenação.

As primeiras experiências de formação de educadoras(es) integravam o Programa como ações extensionistas do tipo: encontros, seminários, jornadas e cursos. Acrescidas com a realização de pesquisas, culminaram com a formalização de um componente

curricular, primeiramente para o curso de Ciências Biológicas e, em seguida, para os cursos de Pedagogia, Psicologia, Educação Física, Ciências Sociais, Letras e Direito.

O relato da implantação desta disciplina foi publicado no Vol. 7 - Edição Especial 2, 1996, da Revista Brasileira de Sexualidade Humana (FAGUNDES, 1996). No referido artigo, registramos a justificativa para a sua criação, a caracterização acadêmica, ementa, objetivos, conteúdo programático, metodologia e processo de avaliação.

Na oportunidade evidenciamos como resultados que:

A implantação da disciplina BIO 162 - SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO [...] de 1994, na Universidade Federal da Bahia, veio atender a uma diretriz institucional de ampliação do leque de disciplinas optativas para o alunado de graduação ao mesmo tempo em que buscou preencher uma lacuna no conhecimento e formação dos profissionais de educação de nosso tempo. O êxito da experiência aliado à demanda de matrícula subsidiou o oferecimento da disciplina imediatamente no semestre subsequente à sua implantação e à manutenção. Os artigos e as produções criativas dos alunos - histórias em quadrinhos, dinâmicas, poesias, músicas, dramatizações e painéis, dentre outros, foram de tão boa qualidade que estão sendo organizados para publicação. (FAGUNDES, 1996, p. 134)

Com satisfação, verificamos que, embora tenha se tornado descontínuo o oferecimento desta disciplina no curso regular de Ciências Biológicas, tornou-se componente obrigatório da matriz curricular, deste mesmo curso, oferecido para turmas do Programa de Formação de Professores da Rede Pública – PARFOR¹, nos semestres letivos de 2013.2 e 2014.2, encerrado em 2015.

Em destaque, a turma de estudantes deste curso de graduação em Ciências Biológicas foi constituída de professoras(es) de Ciências e de Biologia da rede pública sem a devida qualificação profissional. Este grupo foi composto, nos dois semestres referidos, de professores com formação no ensino médio, modalidade Normal e graduados e pós-graduados em outras áreas de estudo.

O plano de ensino, atualizado, foi assim estruturado:

¹ Coordenação: professora Cláudia Dias de Santana.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

Pró-Reitoria de Ensino de Graduação – Programa de Formação de Professores da Rede Pública (PARFOR) – Instituto de Biologia

Curso de Ciências Biológicas – BIO035 Sexualidade e Educação

Profª Drª Tereza Cristina Pereira Carvalho Fagundes

PLANO DE ENSINO

Ementa:

Estudo da sexualidade humana em seus aspectos biopsicossociais e suas manifestações em diferentes fases da vida. Informação, orientação e educação sexual para crianças, adolescentes e adultos. A educação sexual no currículo escolar.

Objetivos

Geral:

Analisar as dimensões bio-psico-histórico e sociais da sexualidade humana para, identificando as manifestações em diferentes fases do desenvolvimento, planejar ações de educação sexual que evidenciem o respeito às diferenças de gênero, numa postura crítica frente à naturalização e hierarquização dessas diferenças.

Específicos:

Reconhecer concepções sobre sexualidades, sexo/gênero e diversidade, distinguindo seus significados;

Entender a problemática dos preconceitos, discriminações e violências sexuais e de gênero, exemplificando situações que caracterizem esses fenômenos;

Analisar expressões, comportamentos e atitudes que se traduzem como manifestações da sexualidade, distinguindo-as em diferentes fases do desenvolvimento;

Elaborar um projeto de educação sexual para ser desenvolvido na escola ou em outros espaços educativos, sistematizando ações que evidenciem o respeito às diferenças de gênero, numa postura crítica frente à naturalização e hierarquização dessas diferenças.

Conteúdos:

Sexualidade e gênero: abordagem conceitual e histórica. Aspectos biopsicossociais da sexualidade. Identidade e Relações de Gênero. Gênero e Poder. Diversidade sexual. Feminilidades e masculinidades.

Direitos sexuais;

Sexualidade na infância, na adolescência, na idade adulta e na terceira idade;

A resposta sexual humana – disfunções, desvios e inadequações;

O exercício da sexualidade em situações especiais (deficiências);

Mitos, credences e tabus sexuais e de gênero;

Preconceitos, discriminações e violências sexuais e de gênero;

Educação sexual na Escola. O papel do/a professor/a de Biologia;

Projetos de educação sexual.

Metodologia

Discussão dos temas propostos no programa da disciplina sob forma de exposições participadas, leituras, palestras e dinâmicas, dentre outras e realização de trabalhos individuais e em grupo, visando o aprofundamento de questões relativas aos objetivos propostos. Mediação pedagógica presencial e através do AVA – Ambiente virtual de Aprendizagem (Plataforma Moodle UFBA).

Avaliação:

= **Trabalhos parciais:** atividades diárias encontros/aulas.

= **Seminário** (critérios para avaliação): Domínio do conteúdo X uso do tempo; Linguagem clara X sequência lógica; Atualização da informação X referências segundo as normas da ABNT; Criatividade na apresentação X recursos audiovisuais.

= **Projeto de educação sexual** (elaborado para a respectiva instituição de ensino a que se vincula a/o cursista).

Referências²

² Pela sua amplitude, não transcrevemos neste artigo as referências indicadas no plano de ensino entregue à turma.

São pressupostos teóricos fundantes da criação e implementação desta disciplina os estudos de Margareth Mead (1969, 1974), Elizabeth Badinter (1985, 1986, 1993), Simone de Beauvoir (1980), Michel Foucault (1985), Pierre Bourdieu (1995), Master e Jonhson (1984), Kaplan (1981; 1984), John Money e Patricia Tucker (1981), Joan Scott (1991), Helieith Saffiotti (1969) e Judith Butler (2003), principalmente.

Sobre Educação Sexual, a inspiração se consolidou a partir das idéias de Luis Atucha (1989), Andrés Flores Colombino (1992), Héctor Segú (1990) e no Brasil, de Paulo Freire (1967), Maria José Garcia Werebe (1977), Maria Amélia Goldberg (1982), Carmem Barroso e Cristina Bruschini (1982, 1987), Nelson Vitiello (1994, 1997), Ricardo Cavalcanti (1990), Vilma de Souza (PITÁGORAS, s.n.t), Marcos Ribeiro (1997) e Guacira Louro (1997).

Evoluindo no percurso das concepções: moralista, biologista, erótica, mecanicista, integral ou liberal que predominaram em épocas distintas na educação sexual no Brasil, como em outras abordagens educacionais,³ o projeto de educação sexual que defendemos e implementamos se baseia na filosofia dialógica conscientizadora ou transformadora, em que ninguém pode ser excluído, defendida por Paulo Freire (1967), referenciada também por Atucha (1989), que incorpora uma concepção de formação integral e não excludente da pessoa humana. Esta filosofia não aceita a classificação das condutas humanas sexuais como normais e anormais, padronizadas e universais e, sim, a variação das mesmas de acordo com o gênero, situações pessoais, culturais, de geração e etnias, entre outras.

De acordo com essa concepção, é imprescindível o respeito a comportamentos individuais responsáveis e o uso social do sexo sadio e prazeroso.

³ Analisadas por Colombino (1992) e citadas em um texto que escrevemos anteriormente (FAGUNDES, 2015), a filosofia **moralista** opera mediante a pedagogia do “não” em defesa da pureza, da castidade e da virgindade. Dela não faz parte a problematização nem a discussão; sua ênfase recai na sexualidade como função procriadora. A filosofia **biologista** prioriza as informações sobre anatomia e fisiologia da reprodução e a compreensão do sexo como reprodução, genitalidade. Segundo a filosofia **erótica**, o prazer é um fim em si mesmo; o corpo é a sede da sexualidade sem levar em conta a afetividade. A filosofia **mecanicista** é reducionista, prioriza a solução de problemas sexuais mediante o ensino de técnicas baseadas nos estudos de Master e Johnson (1984). A filosofia **integral** parte da natureza humana em suas dimensões biopsicossociais; dá ênfase tanto aos ensinamentos sobre aspectos pontuais da sexualidade como o uso de métodos anticoncepcionais e a prevenção das DST, como a dimensão existencial da pessoa humana. A filosofia **liberal** propõe “liberar” a criança, o jovem e o adulto da sujeição, dos prejuízos e dos tabus, da ignorância e medos com relação à sexualidade. Para tanto o/a educador/a deve, primeiro, estar ‘liberado/a’ de forma a promover uma educação crítica, contestadora, promotora de mudanças e renovações que conduzam a um processo de aceitação mútua e própria como pessoas autônomas e responsáveis.

As abordagens metodológicas, por conseguinte, privilegiam a escuta sensível, o diálogo, a integração, a cooperação e também um consistente aprofundamento teórico.

Efetiva-se através de estudos teóricos que precisam ser ampliados e consolidados, evoluindo do que antigamente era considerado como educação para a sexualidade: ensinamentos sobre biologia da reprodução, direitos sexuais e reprodutivos, controle voluntário da reprodução e de doenças sexualmente transmissíveis para o entendimento da sexualidade e do gênero de forma abrangente, estudo do gênero como fundante das relações sociais entre os sexos, da construção das identidades, do respeito à diversidade, da revisão dos mitos, crendices e tabus e da prevenção às diferentes formas de violência sexual e de gênero.

Para ampliar esta abrangência, privilegiam-se as oficinas vivenciais de confrontação dos participantes consigo e com os outros, que requerem primordialmente a vontade de participar e de educar.

A educação sexual é uma educação para a pessoa – premissa que se coaduna com o projeto pedagógico de formação de educadoras(es) sexuais que construímos na Universidade Federal da Bahia nos anos 1980, baseado nos seguintes pressupostos (FAGUNDES, 1995, p. 24):

Todo programa de educação sexual precisa se fundamentar nos alicerces da vida do ser, marcada pelos registros inconscientes dos primeiros contatos e experiências. Deve estar atento ao que a família, consciente ou não de seu papel, cuidou de instalar e imprimir, repensando dimensões da sexualidade esquecidas, negadas ou distorcidas.

A educação para a sexualidade deve considerar que para o indivíduo viver em plenitude no mundo que o cerca, é preciso estar sensibilizado para respeitar a si mesmo e aos outros, relacionar-se, ter responsabilidade, crer na vida e procurar vivê-la com prazer, conhecendo seus próprios direitos, inclusive o de ser feliz.

A aprendizagem de conceitos só se processa quando ocorre de forma significativa para o sujeito; logo, é preciso que haja envolvimento e integração no grupo, considerando a metodologia participativa, em que o programa de atividades é construído pelos próprios sujeitos do processo.

É preciso criar oportunidades para que as pessoas reflitam sobre suas idéias, sentimentos e conflitos na área da sexualidade e envolvam a totalidade de seu ser na reinterpretação e reconstrução da realidade.

Contextualizado desta forma, o processo de educar para a sexualidade usa o termo Educação Sexual em vez de Orientação Sexual, como prescrito pelos PCN (BRASIL, 1998), por considerá-lo mais abrangente; que vai além da informação e da orientação, valendo-se de procedimentos pedagógicos voltados para a conscientização, aconselhamento e formação. Vale ressaltar que a expressão Orientação Sexual refere-se, conforme adotamos em nossas abordagens, à atração pessoal entre os gêneros, seja esta atração física, romântica e/ou emocional.

Está em consonância também com os princípios defendidos pela UNESCO de “Educar para a vida e ao longo da vida”. Como afirma Delors (1998, p. 89-90)

[...] a educação deve organizar-se em torno de quatro aprendizagens fundamentais que, ao longo de toda a vida, serão de algum modo para cada indivíduo, os pilares do conhecimento: aprender a conhecer, isto é, adquirir os instrumentos da compreensão; aprender a fazer, para poder agir sobre o meio envolvente; aprender a viver juntos, a fim de participar e cooperar com os outros em todas as atividades humanas; finalmente aprender a ser, via essencial que integra as três precedentes.

A concepção de Delors reforça a nossa defesa para o uso da expressão Educação Sexual, pois o primeiro termo do binômio nos remete a uma existência antropológica, à ideia de pertencimento a uma comunidade na qual, sob o fundo desse pertencimento, tornamo-nos senhores de nós mesmos: pertencemo-nos; e desenhamos todo o nosso perfil individual, lócus em que se fixa toda “identidade/diferença” singular, que não compreenderíamos sem o significado do “outro” que nos interpela, rompe a pretensa unicidade fechada do eu, e que nos conduz a ver que é por meio dele (do outro) que conseguimos captar a própria identidade e o caráter essencial da individualidade no seio da comunidade. Dessa forma, a expressão expulsa qualquer conotação que focalize apenas o prazer individual; pelo contrário, dá conta de vislumbrar a sexualidade no conjunto das relações, da amizade, do próprio corpo e o corpo do outro.

A partir do nosso ponto de vista e de uma longa experiência de estudo e produção de conhecimento “situado”, como nos ensina Haraway (1995) – no sentido de realizar estudos sobre Educação Sexual, sendo uma educadora na temática –, nos parece

inconcebível um processo de “educar para a vida” em que não se discuta e se enfrente os desafios que são trazidos por crianças, adolescentes e adultos em formação, quanto ao entendimento dos fenômenos ligados à sexualidade.

Ambiente Virtual de Aprendizagem – mediando uma disciplina presencial

Durante uma década, o oferecimento deste componente curricular se deu de forma presencial, com encontros semanais e por sessenta horas/aula no semestre.

Com o avanço das tecnologias de informação e comunicação, e consolidação do CPD – Centro de Processamento de Dados da Universidade Federal da Bahia, e objetivando o gerenciamento de cursos na web criou-se, em 2001, o Moodle UFBA⁴. O Moodle é um Sistema de Gerenciamento de Aprendizagem (LMS – Learning Management System) ou Sistema de Gerenciamento de Cursos (CMS – Course Management System). Já sensibilizadas com a importância da educação a distância para a formação de profissionais das diversas áreas do conhecimento, participamos, em 2007, do Curso Moodle para professores e solicitamos a criação de AVA – Ambientes Virtuais de Aprendizagens, para os grupos de pesquisa que coordenávamos à época e para as disciplinas “Sexualidade e Educação” e “Educação, Sexualidade e Gênero”. As disciplinas continuaram a ser oferecidas na modalidade presencial, mas o Moodle veio a se constituir em um ambiente de interação, integração e mediação do processo ensino-aprendizagem. O Moodle é um software livre, de fácil instalação e customização. Sua interface é atraente e oferece uma diversidade de ferramentas para o alcance de diferentes objetivos. Também comporta uma comunidade ativa que, diariamente, colabora para discutir e orientar os usuários nos diferentes aspectos

Em 2014, o Centro de Processamento de Dados da UFBA foi ampliado e passou a se constituir em Superintendência de Tecnologia da Informação, que disponibilizou para toda a comunidade da Universidade um Novo Moodle com mais recursos e abrangência: www.novomoodle.ufba.br versão 2.6.1. O Moodle UFBA comporta mais de vinte e cinco mil usuários em atividade, acessando o ambiente mais de quatrocentas mil

⁴ A comunidade internacional do Moodle, assim como sua documentação e links para download, podem ser acessados em <<http://www.moodle.org>>.

vezes por mês; um quantitativo bastante significativo do qual fazemos parte com o AVA da disciplina “Sexualidade e Educação”, nos últimos anos, destinada a alunos do curso de Ciências Biológicas do Programa de Formação de Professores da Rede Pública – PARFOR.

Concordamos com Riccio (2010, p. 103) quando admite que

Os ambientes virtuais de aprendizagem constituem uma ambiência rica em possibilidades de diálogo com o conhecimento instituído, de construção de novos conhecimentos e culturas e de ampliação de visão de mundo de todos os partícipes desses processos, já que o ciberespaço traz consigo essas amplas possibilidades de interação com o novo, com o outro, com a diferença.

A abordagem dos temas na disciplina em questão foi feita presencialmente em encontros mensais de dez ou doze horas, durante quatro meses e, virtualmente, nos intervalos dos encontros com mediação feita pelo AVA – ambiente em rede utilizado para apoiar o processo de ensino e aprendizagem tanto a distância como na educação presencial. A utilização do AVA promove a ampliação do acesso às múltiplas aprendizagens e as interações entre todos os participantes do processo, de forma assíncrona, o que possibilita o estudo e participação de cada um no seu próprio tempo e ritmo, característica esta bastante favorável no curso em foco, em que participantes eram oriundos de lugares diferentes do Estado da Bahia.

A plataforma Moodle permite a organização de vários objetos de aprendizagem. No AVA da disciplina “Sexualidade e Educação”, disponibilizamos textos e roteiros de estudo, vídeos, fóruns de discussão; na modalidade “fórum geral”, em que diversos temas de discussão podiam ser propostos a partir da criação de tópicos pelos participantes e na modalidade “discussão única”, no qual todas as mensagens se concentravam em um único espaço, além do plano de ensino e cronograma para acompanhamento dos estudantes, desde o início da disciplina.

Os fóruns gerais tiveram como temas: “Plano de Ensino”, “Conceitos de Sexualidade e Gênero, Identidade e Relações de Gênero, Gênero e Poder”, “Manifestações da Sexualidade na Infância e na Adolescência” e “Fórum de Acompanhamento do Planejamento dos Seminários”. Nestes fóruns temáticos, os

estudantes se expressaram acerca dos temas a partir do estudado, das vivências e das experiências pessoais.

Os temas: “Diversidade Sexual - feminilidades e masculinidades”, “Direitos sexuais”, “A Resposta Sexual Humana”, “Disfunções, desvios e inadequações sexuais”, “Sexualidade e deficiências”, “Mitos, crendices e tabus sexuais e de gênero”, “Preconceitos, discriminações e violências sexuais e de gênero” e “Sexualidade na terceira idade” foram discutidos presencialmente sob forma de exposições participadas e/ou seminários.

O papel da/o professor/a de Biologia na Educação Sexual foi o tema escolhido pelo grupo para elaboração de um ensaio, oportunidade em que sintetizaram a compreensão do estudado na disciplina. (Foto 4)

Perpassando todas as etapas de estudo no AVA, fizemos a mediação em um Fórum Livre, ferramenta importante para aumentar a dialogicidade, a interação e o estreitamento de laços entre os participantes da disciplina, que traz como consequência um ganho qualitativo tanto na aprendizagem quanto nas relações interpessoais dos envolvidos.

Na turma de 2014/2015 foi criado, também, no AVA, um repositório de arquivos (textos escolhidos pelos estudantes) e fotos das comemorações sobre o Dia Mundial de Saúde Sexual que fazemos anualmente em consonância com a World Association for Sexual Health (WAS).

Orientando e acompanhando virtualmente a elaboração de projetos

A ferramenta utilizada no AVA para acompanhar a elaboração dos projetos, como registramos anteriormente, foi um Fórum configurado sob forma de Diário, recurso que permitiu o registro e a ressignificação de experiências.

A partir da definição do tema, cada cursista comunicava, através de um post, o que escrevia na medida em que eram definidas as etapas do projeto para alcançar o objetivo geral da disciplina de “[...] planejar ações de educação sexual que evidenciem o respeito às diferenças de gênero, numa postura crítica frente à naturalização e hierarquização dessas diferenças”.

Como professora da disciplina, fizemos mediação contínua o que permitiu, também, a exposição dos sentimentos, emoções, dificuldades e conflitos dos cursistas durante a elaboração de seus projetos.

Esta dimensão afetiva do processo de ensino aprendizagem nos remete a Paulo Freire, para quem a emoção e o afeto são elementos essenciais neste contexto. Afirma Paulo Freire (1996, p. 146):

Como prática estritamente humana jamais pude entender a educação como experiência fria, sem alma, em que os sentimentos e as emoções, os desejos, os sonhos devessem ser reprimidos por uma espécie de ditadura racionalista. Nem tampouco jamais compreendi a prática educativa como uma experiência a que faltasse rigor em que se gera a necessária disciplina intelectual.

A participação e o acompanhamento foram disciplinados com um razoável rigor para que as orientações dadas fossem claras e precisas, as dúvidas dos estudantes expressadas e sanadas e os textos pudessem ser refeitos ou reconstruídos de forma a expressar claramente as intenções de seus autores, além de procurar atender a demanda do grupo – na escola de origem dos cursistas – a que se destinava. (Fotos 1, 2 e 3)

Não foram evidenciados obstáculos para o acesso à plataforma pela maioria dos cursistas, mas foi constante o direcionamento dos temas para o foco biologizante como tratar de “Métodos de Controle Voluntário da Reprodução” e “prevenção de DST”.

A mediação no fórum de acompanhamento da elaboração dos projetos pontuou a discussão bastante frequente no curso sobre a necessidade de se ampliar o entendimento do conceito de sexualidade humana e de gênero como fundantes do ser.

Com persistência na mediação, recomendações e reelaborações, houve o alcance do objetivo de “Elaborar um projeto de educação sexual para ser desenvolvido na escola ou em outros espaços educativos, sistematizando ações que evidenciem o respeito às diferenças de gênero, numa postura crítica frente à naturalização e hierarquização dessas diferenças.”

Cerca de 60 % dos estudantes das duas turmas, implementou o projeto elaborado e socializou a experiência neste grupo, declarando como positiva a adesão de seus alunos e até mesmo da comunidade do entorno da escola em que são docentes.

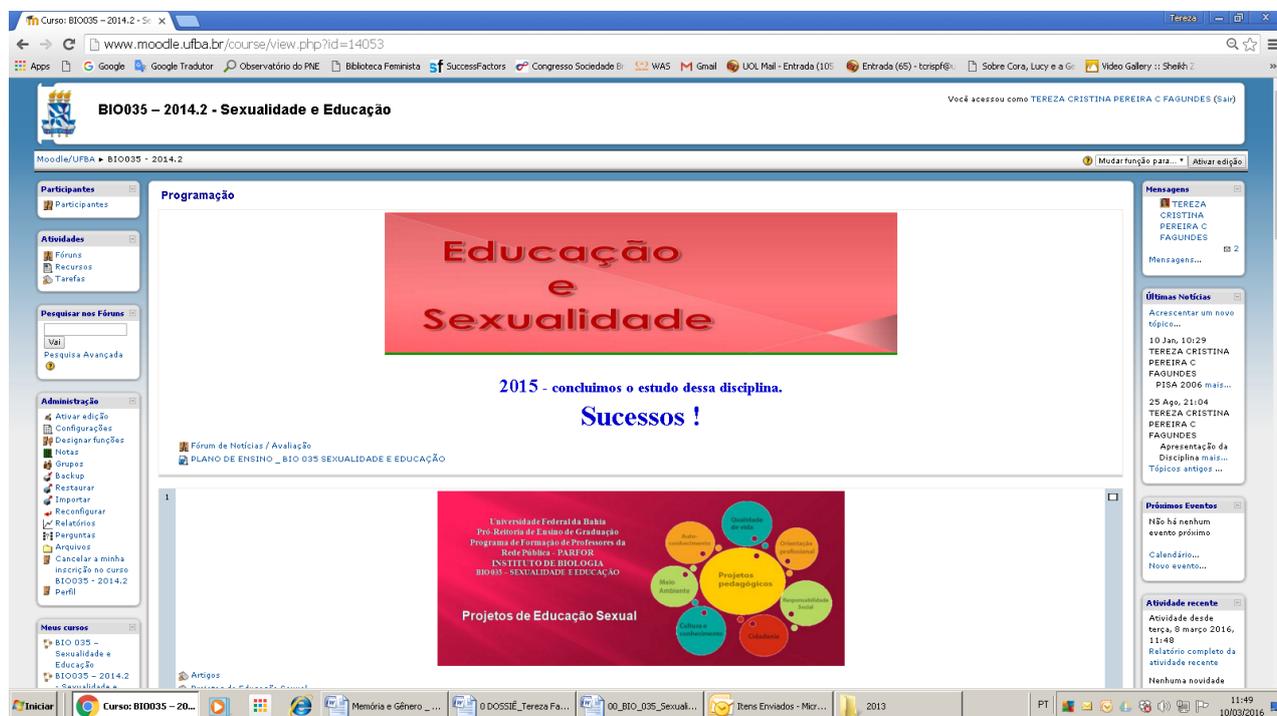


Foto 1. Tela exemplo do AVA da disciplina Sexualidade e Educação – 2014/2015.



Foto 2. Tela exemplo do AVA da disciplina Sexualidade e Educação – 2013.

BIO 035 – Sexualidade e Educação

Moodle/UFBA > BIO 035 > Tarefas > Projetos de Educação Sexual > Tarefas enviadas

Nome : Todos ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ
Sobrenome : Todos ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ

Página: 1 2 3 (Próximo)

Nome / Sobrenome	Nota	Comentário	Última atualização (Estudante)	Última atualização (Professor)	Status	Média final
Sonia Brasil Bispo Brasil Bispo	-	...	PROJETO_SONIA.doc domingo, 21 julho 2013, 12:00	segunda, 5 agosto 2013, 17:41	Atualizar	-
Solange Rodrigues Muti	-	...	PROJETO_Sexualidade_e_Adolescencia_no_Espaco_Escolar.doc quarta, 17 julho 2013, 11:15	segunda, 5 agosto 2013, 17:40	Atualizar	-
catia santana	-	...	Projeto_Educao_e_Sexualidade_Catia.docx sábado, 6 julho 2013, 11:20	segunda, 5 agosto 2013, 17:40	Atualizar	-
Drielle Crizthina Silva Barbosa	-	...	PROJETO_SEXUALIDADE_E_EDUCACAO.docx sexta, 5 julho 2013, 09:23	segunda, 5 agosto 2013, 17:39	Atualizar	-
Rita Kleiny da Silva Dantas Kleiny	-	...	Projeto_de_Orientacao_sexual.docx quinta, 4 julho 2013, 21:48	segunda, 5 agosto 2013, 17:38	Atualizar	-
Lorena Briglia S. Cedraz	-	...	Lorena_e_grupo_projeto.doc terça, 2 julho 2013, 22:50	segunda, 5 agosto 2013, 17:32	Atualizar	-
marli nascimento lima	-	...	UNIVERSIDADE_FEDERAL_DA_BAHIAsexualidade.docx segunda, 1 julho 2013, 21:31	segunda, 5 agosto 2013, 17:31	Atualizar	-
Cleber Aires Nascimento	-	-			Nota	-
Maria Almeida dos Santos	-	-			Nota	-
Edinete dos Santos Amorim Amorim	-	-			Nota	-

Página: 1 2 3 (Próximo)

Envios mostrados por página 10

Foto 3. Tela exemplo de acompanhamento da postagem dos Projetos no AVA.

BIO 035 – Sexualidade e Educação

Moodle/UFBA > BIO 035 > Tarefas > Ensaio sobre Educação Sexual numa perspectiva de gênero > Tarefas enviadas

Nome : Todos ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ
Sobrenome : Todos ABCDEFGHIJKLMNOPQRSTUVWXYZ

Página: 1 2 3 (Próximo)

Nome / Sobrenome	Nota	Comentário	Última atualização (Estudante)	Última atualização (Professor)	Status	Média final
Sonia Brasil Bispo Brasil Bispo	-	Sonia, ...	EDUCAR_PARA_A_SEXUALIDADE_NUMA_PERSPECTIVA_DE_GENERO.docx segunda, 22 julho 2013, 22:25	domingo, 4 agosto 2013, 00:22	Atualizar	-
Doralice C. C. Santos	-	Doralice,co...	Ensaio_sobre_Sexualidade_UFBA.docx domingo, 21 julho 2013, 19:13	domingo, 4 agosto 2013, 00:34	Atualizar	-
Eli Santos	-	Foi um bom ...	UFBA_SEXUALIDADE_E_GENERO_1.doc sexta, 19 julho 2013, 23:59	domingo, 4 agosto 2013, 01:32	Atualizar	-
Railda Mato Grosso	-	Railda, um ...	teresa_02_com_ufba.rtf quinta, 18 julho 2013, 18:08	domingo, 4 agosto 2013, 01:19	Atualizar	-
JOSENILDA COSMIA CONCEIÇÃO MARCELO	-	Quais as ...	A_educacao_para_a_sexualidade_acontece_ha_tempos_nas_escolas_brasileiras.docx terça, 16 julho 2013, 10:55	domingo, 4 agosto 2013, 01:20	Atualizar	-
Lêda Bispo	-	Lêda, um ...	EDUCAR_PARA_A_SEXUALIDADE_NUMA_PERSPECTIVA_DE_GENERO.docx segunda, 15 julho 2013, 22:26	terça, 16 julho 2013, 06:57	Atualizar	-
Daniela Pacheco	-	Daniela, ...	Ensaio_de_sexualidade-pacheco_1_.doc segunda, 15 julho 2013, 20:56	terça, 16 julho 2013, 06:37	Atualizar	-
Barbara Nogueira	-	Bárbara,ess...	BA_rbara_Cristina_ensaio_corrigido.doc terça, 9 julho 2013, 20:40	segunda, 15 julho 2013, 23:47	Atualizar	-
Ângela Crstina Souza Oliveira Trindade	-	Muito bem, ...	Angela_Cristina_ensaio.docx terça, 9 julho 2013, 05:12	segunda, 15 julho 2013, 23:27	Atualizar	-
Lorena Briglia S. Cedraz	-	Você ...	Lorena_Briglia_ensaio.docx segunda, 8 julho 2013, 21:29	segunda, 15 julho 2013, 23:15	Atualizar	-

Página: 1 2 3 (Próximo)

Envios mostrados por página 10

Foto 4. Tela representativa do Acompanhamento e avaliação dos Ensaio.

O acompanhamento dos projetos pelo AVA produziu “bons frutos”. Pudemos refletir sobre os temas que iam sendo propostos para integrar cada projeto, com o viés da formação como professoras(es) de Biologia e conseguimos que, da programação das ações, houvesse discussões sobre sexualidade e gênero de forma mais abrangente como estávamos estudando e preveem os PCN (BRASIL, 1998).

A experiência de todas(os) as(os) estudantes da disciplina no ensino de Ciências e de Biologia era inconteste, entretanto, a prática docente precisava ser continuamente refletida e ressignificada para ter o verdadeiro sentido de experiência.

Considerações finais

Com o relato desta experiência pretendemos evidenciar o potencial dos recursos tecnológicos para a abordagem do tema sexualidade em cursos de formação de educadores, procurando não transpor para as atividades virtuais as estratégias pedagógicas hegemônicas do ensino presencial, entretanto, constatamos também que, se por um lado, a mediação *on line* manteve coeso o grupo e a possibilidade de orientação contínua na elaboração dos projetos de um mês para o outro em que voltavam para suas classes, por outro, os momentos presenciais foram considerados pelos participantes como imprescindíveis ao alcance dos objetivos da disciplina, em especial para o planejamento e avaliação da implementação das ações de educação sexual na escola.

Referências

ATUCHA, Luis M. Aler. **Sexualidad humana**, uma aproximacion ideológica y metodológica. Lima: Labor, 1988.

BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado**: o mito do amor materno. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BADINTER, Elisabeth. **Um é o outro**: relações entre homens e mulheres. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

BADINTER, Elisabeth. **XY** - sobre a identidade masculina. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

BARROSO, Carmem; BRUSCHINI, Maria Christina. **Educação sexual**- debate aberto. Petrópolis: Vozes, 1982.

BARROSO, Carmem BRUSCHINI, Maria Christina. **Sexo e juventude**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

BEAUVOIR, Simone. **O Segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. 2v.

BOURDIEU, Pierre; A dominação masculina. **Educação e realidade**. Porto Alegre, v.20, n.2. p. 133-184, jul/dez.1995.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Tema Transversal: Orientação Sexual** (1a. a 4a. séries/5a. a 8a. séries). Brasília: MEC/SEF, 1997/1998.

BURNHAM, Teresinha Fróes. Espaços multirreferenciais de aprendizagem: lócus de resistência à segregação sociocognitiva? In: BURNHAM, Teresinha Fróes et al. **Análise cognitiva e espaços multirreferenciais de aprendizagem**: currículo, educação à distância e gestão/difusão do conhecimento. Salvador: EDUFBA, 2012. p.101-128.

BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CAVALCANTI, Ricardo C. et al. **Saúde sexual e reprodutiva**: ensinando a ensinar. [s.l.: s.n. 1990?]

COLOMBINO, Andrés Flores. **Educación sexual**. Montevideo: Distar. 1992.

COSTA, Albertina de Oliveira; BRUSCHINI, Cristina. **Uma questão de gênero**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992.

DELORS, Jacques (Org.). **Educação um tesouro a descobrir**: relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI. São Paulo: Cortez. 1998. Disponível em <http://ftp.infoeuropa.euroid.pt/database/000046001-000047000/000046258.pdf>. Acesso em 10 de março de 2016.

FAGUNDES, Tereza Cristina Pereira C. **Educação sexual**: construindo uma nova realidade. Salvador, UFBA, 1995.

FAGUNDES, Tereza Cristina Pereira C.; BARBOSA, Maria Paquetalet M. **Oficinas sobre sexualidade e gênero**. 2ª ed. Salvador: Helvécia. 2011.

FAGUNDES, Tereza Cristina Pereira C. Implantação da disciplina Sexualidade e Educação. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**. São Paulo, v.7, ed. especial, p.131-134, nov.1996.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**. Rio de Janeiro: Graal, 1985. 3 vol. v. 1: a vontade de saber – v.2: o uso dos prazeres – v.3: o cuidado de si.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOLDBERG, Maria Amélia Azevedo. **Educação sexual**: uma proposta, um desafio. São Paulo, Aruanda, 1982. (Coleção Tempo Mulher)

GÊNERO e diversidade na escola: formação de professoras/es em gênero, orientação sexual e relações Étnico-raciais. Livro de Conteúdo. Versão 2009. Rio de Janeiro: CEPESC; Brasília; SPM. 2009.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da Ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, São Paulo, n.5, p.07-42, 1995.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**. N.19. p. 20-28, Jan. /abr. 2002 Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>>. Acesso em: 10 de março de 2016.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.

MASTER, William H., JOHNSON, Virginia E. **A conduta sexual humana**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

MASTER. William H., JOHNSON, Virginia E. **A resposta sexual humana**. São Paulo: Roca, 1984.

MEAD, Margareth. **Sexo e temperamento**. São Paulo: Perspectiva, 1969.

MEAD, Margareth. **Macho e fêmea**: um estudo do sexo num mundo em transformação. Petrópolis: Vozes: CERES, 1974.

MONEY, John; TUCKER, Patrícia. **Os papéis sexuais**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

PITÁGORAS. **Trabalhando com a sexualidade**: uma proposta educacional, 5ª série, 1º grau. Belo Horizonte: [s.n.t.]

RIBEIRO, Marcos. **Educação sexual**. Além da informação. São Paulo: EPU, p. 62, 1990. Disponível em http://www.adolescencia.org.br/upl/ckfinder/files/pdf/Educa%C3%A7%C3%A3o%20Sexual_Marcos%20Ribeiro.pdf . Aceso em 12 de março de 2016.

RICCIO, Nícia Cristina Rocha. **Ambientes virtuais de aprendizagem na UFBA: a autonomia como possibilidade.** 2010, 363f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Educação, Salvador, 2010.

ROHDEN Fabíola; ARAUJO, Leila; BARETO, Andreia (Orgs.). **Os desafios da transversalidade em uma experiência de formação on line:** curso Gênero e Diversidade na Escola. Rio de Janeiro: CEPESC, 2008. Disponível em: < http://www.eclam.org/downloads/Colecao_Documentos_CLAM_GDE.pdf>. Acesso em 10 de março de 2016.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **A mulher na sociedade de classe:** mito e realidade. São Paulo: Livraria Quatro Artes. 1969.

SCOTT, Joan. W. **Gênero:** uma categoria útil para análise histórica. Recife: SOS Corpo, 1991. Disponível em <http://www.dhnet.org.br/direitos/textos/generodh/gen_categoria.html>. Acessado em 13 de março de 2016.

SEGÚ, Hector F. **Educacion sexual em la família y em la escuela:** um enfoque comprensivo y actualizado. Buenos Aires: Planeta. 1990.

VITIELLO, Nelson. **Reprodução e Sexualidade** - um manual para educadores. São Paulo: CEICH, 1994.

VITIELLO, Nelson. **Sexualidade:** quem educa o educador: um manual para jovens, pais e educadores. São Paulo, Iglu, 1997.

WEREBE, Maria José Garcia. **A educação sexual nas escolas.** São Paulo: Moraes. 1977.

Recebido em: 09/12/2015
Aprovado em: 20/02/2016

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC
Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE
Revista Linhas
Volume 17 - Número 34 - Ano 2016
revistalinhas@gmail.com